

# 5

## Um painel da arqueologia pré-histórica no Estado de São Paulo: os sítios cerâmicos

Marisa Coutinho Afonso

---

### 1 Introdução

Um painel da arqueologia pré-histórica do Estado de São Paulo, a partir do estudo de sítios-chave para a discussão de fronteiras culturais, foi apresentado por AFONSO (2005a). Para tanto, foram realizados dois recortes, sendo um temporal para enfocar apenas os sítios pré-históricos, e o outro espacial, de modo a contemplar os limites territoriais do atual Estado de São Paulo. Uma vez que o Estado é delimitado por três grandes cursos d'água como o Rio Grande, ao norte, Rio Paranapanema, ao sul, e Rio Paraná, a oeste, além da Serra do Mar e do Oceano Atlântico, a leste, estes limites têm um significado geográfico e não apenas político-administrativo.

Neste artigo, pretende-se discutir uma síntese do conhecimento arqueológico do Estado de São Paulo, fazendo mais um recorte, desta vez englobando apenas os sítios cerâmicos, para proporcionar uma reflexão sobre eles.

Faltam trabalhos de síntese sobre a arqueologia de São Paulo, a exemplo de outros estados brasileiros, como o Rio Grande do Sul (KERN, 1991), ou para regiões como o Nordeste (MARTIN, 1996), mas há quadros estabelecidos regionalmente, como para a bacia do rio Paranapanema (MORAIS, 1999). Um risco inerente à elaboração de uma síntese da arqueologia de São Paulo é a sua transitorie-

dade, devido aos vários trabalhos em andamento (projetos de pesquisa acadêmica, dissertações de mestrado, teses de doutorado e, sobretudo, um grande número de projetos de arqueologia por contrato), que trazem mais informações. Portanto, a síntese é um produto datado, fragmentário e passível de modificações futuras com a incorporação de dados provenientes de novas pesquisas.

A discussão sobre as fronteiras culturais de São Paulo começou a ser realizada, de maneira mais articulada, no simpósio denominado *São Paulo: Terra de Fronteiras* que se realizou no IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (Rio de Janeiro, 1997) quando um grupo de arqueólogos (Erika Marion Robrahn-Gonzalez, José Luiz de Moraes, Levy Figuti, Marisa Coutinho Afonso e Paulo De Blasis) discutiu diferentes aspectos das fronteiras ambientais e culturais de São Paulo (AFONSO, 1997; DE BLASIS; AFONSO, 1997; FIGUTI, 1997; MORAIS; AFONSO, 1997; ROBRAHN-GONZALEZ, 2000), tendo Pedro Ignácio Schmitz (Instituto Anchieta de Pesquisas / UNISINOS) como debatedor. O objetivo deste simpósio foi bastante específico: discutir a posição do Estado enquanto território onde ocorrem vestígios arqueológicos relacionados a diferentes regiões do país, conferindo-lhe um universo arqueológico singular.

O território de São Paulo já havia sido qualificado como área de fronteira para grupos caçadores-coletores da tradição Umbu (limite setentrional), para grupos ceramistas da tradição Itararé (limite setentrional), para ceramistas-agricultores Tupi (limite meridional) e Guarani (limite setentrional). Entretanto, a natureza e o significado desta posição ainda não haviam sido discutidos em seu conjunto. A análise deveria ser focada nos vestígios encontrados em São Paulo, e também em seu entorno para permitir uma discussão de fronteiras culturais.

No simpósio denominado *Olhares diversos da Arqueologia Paulista*, realizado no XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (Campo Grande, 2005), foram apresentados trabalhos

sobre caçadores-coletores e ceramistas (Guarani e Kaingang) pelos arqueólogos Camila Azevedo de Moraes, José Luiz de Moraes, Marisa Coutinho Afonso, Neide Barrocá Faccio, Robson Antonio Rodrigues e Solange Nunes de Oliveira Schiavetto, tendo Saul Eduardo Seiguer Milder, da Universidade Federal de Santa Maria, como debatedor (AFONSO et al., 2005b; FACCIO, 2005; MORAES, 2005; RODRIGUES, 2005; SCHIAVETTO, 2005).

Na arqueologia paulista, tenta-se filiar os achados às tradições arqueológicas definidas no sul do país, como as tradições líticas Umbu e Humaitá, e as tradições ceramistas Tupi-Guarani e Itararé-Taquara; no entanto, a metodologia de campo empregada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa)<sup>1</sup> não teve muita aplicação no Estado porque contou com a participação de poucos arqueólogos. Esta dicotomia entre as metodologias empregadas em campo e as tentativas de interpretação e filiação às tradições líticas e cerâmicas para permitir uma comparação regional sempre provocou problemas. Além disso, o território paulista aponta como área limite para contextos arqueológicos definidos ao sul do país, mas também a norte e a oeste. Durante o Holoceno, grupos humanos de diferentes regiões convergiram para o território de São Paulo e as manifestações culturais dos ceramistas não parecem ser autóctones, mas reflexos das existentes nas regiões vizinhas.

Parece haver um consenso na apresentação do território de São Paulo como uma região com limites regionais entre os grupos ceramistas, mas há muitas dúvidas sobre as fronteiras culturais, como a distribuição geográfica, cronologia, grupos humanos envolvidos e os tipos de fronteiras, se eram pacíficas ou não. Enquanto no passado eram procuradas evidências que pudessem filiar os achados a uma ou outra tradição, no momento tornou-se fundamental identificar evidências de interação cultural (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999). Os achados aparentemente “exóticos”, que poderiam ser interpretados como enclaves ou intrusões, mostram-se como

elementos diagnósticos de uma relação complexa entre grupos diferentes, verdadeiros marcadores da interação cultural. Este passado pré-histórico está se revelando cada vez mais complexo e ao mesmo tempo mais interessante e provocativo.

A discussão sobre fronteiras tem sido realizada por vários pesquisadores. SCHMITZ et al. (1982) apresentaram pela primeira vez uma definição de fronteiras, com uma abordagem histórica, tratando das fronteiras das tradições Aratu e Uru em Goiás, já que grupos filiados a estas duas tradições desenvolveram processos de interação cultural. Robrahn-González (1996) discutiu a posição da região centro-oeste brasileira como área de confluência para deslocamentos diversos relacionados a grupos ceramistas (sejam deslocamentos de informações, objetos e/ou pessoas oriundos das regiões circunjacentes). Rogge (2003, 2004) apresentou os contatos de fronteiras no Rio Grande do Sul, as áreas que poderiam se constituir zonas de fronteiras culturais entre diferentes sistemas socioculturais das populações ceramistas.

## **2 Uma síntese do conhecimento arqueológico do Estado de São Paulo: os sítios cerâmicos**

Robrahn-González (2000) discutiu as indústrias notadamente diversas dos cerca de 200 sítios cerâmicos conhecidos em São Paulo até 1997, e agrupou-as em três grandes unidades classificatórias: a tradição Tupiguarani, mais antiga, com vestígios que se distribuem por todo o Estado de São Paulo; a tradição Itararé, com sítios localizados na porção sul, e a tradição Aratu-Sapucai com sítios na região norte. A autora indicou a região sul de São Paulo como área de fronteira entre os grupos Guarani, ao sul, e Tupinambá, ao norte.

A fronteira entre os grupos Guarani e Tupinambá em São Paulo é apresentada por Métraux (1949a,b) na região do rio

Tietê; esta fronteira também é discutida por Brochado (1984, 1990) como situada ao sul do curso do Tietê e sendo a tradição policroma amazônica a origem comum das subtradições Guarani e Tupinambá.

A tradição Itararé, relacionada a um contexto de tradições ceramistas do sul do Brasil, apresentaria, no Estado de São Paulo, seu limite setentrional. Araújo (2007) apresentou novos dados sobre a tradição Itararé-Taquara em São Paulo e propôs hipóteses sobre a origem dos grupos detentores dessa tecnologia cerâmica. Sugeriu alguns pontos para nortear futuras pesquisas, como a probabilidade dos ancestrais dos indígenas historicamente conhecidos como Kaingang e Xokleng terem se deslocado do Brasil Central/ Norte de Minas Gerais (portadores da tradição Una) por São Paulo, com uma rota de expansão ao longo da Serra da Mantiqueira e da Serra do Mar. Seguindo este raciocínio, Araújo (2007) acha possível a existência de sítios da tradição Itararé-Taquara em toda a porção sul-sudeste do Estado de São Paulo, desde a fronteira com Minas Gerais e Rio de Janeiro, passando pela Serra do Mar, pela região planáltica até Itapeva, no sudoeste de São Paulo, e considera que os sítios da tradição Taquara-Itararé com datações mais antigas estariam localizados na faixa leste-sudeste do Estado de São Paulo.

No caso da tradição Aratu-Sapucai, vinculada a sítios localizados nas regiões centro-oeste e nordeste do Brasil, esta tem nos sítios do norte de São Paulo sua manifestação mais meridional.

A seguir, serão apresentados alguns sítios cujas pesquisas têm contribuído para um quadro mais completo da ocupação ceramista em São Paulo, nas partes norte (bacia do rio Grande, com seus afluentes, os rios Pardo e Mogi-Guaçu), nordeste (bacia do rio Paraíba do Sul), centro (bacia do rio Tietê) e sul (bacias dos rios Paranapanema e Ribeira de Iguape).

### 3 Região sul do Estado de São Paulo: as bacias dos Rios Paranapanema e Ribeira de Iguape

Os sítios cerâmicos começaram a ser pesquisados sistematicamente na bacia do rio Paranapanema na década de 1960 por Luciana Pallestrini (Museu Paulista/ Universidade de São Paulo). Esta pesquisadora introduziu novidades metodológicas em campo como a adaptação das técnicas de escavação de André Leroi-Gourhan (que ela denominou “escavação por superfícies amplas”). Procurou também abordagens interdisciplinares relacionadas à arqueometria (foi o início da técnica de datação de cerâmica por termoluminescência em São Paulo) e à cartografia, com a produção das primeiras plantas de aldeias ceramistas Guarani do Estado de São Paulo (PALLESTRINI, 1975).

Na região do Paranapanema, o sítio Fonseca, localizado no Município de Itapeva, foi estudado na década de 1960, começando os estudos sistemáticos na região da bacia do Paranapanema que continuaram ininterruptamente (PALLESTRINI, 1969). Em 1969 foram pesquisados os sítios Jango Luís e Barreiro dos Italianos, em Angatuba.

Dentro do projeto *Arqueologia da Paisagem: Cenas do Paranapanema Paulista (da pré-história ao ciclo do café)*<sup>2</sup>, os sítios já conhecidos foram revisitados e outros identificados, como o Campina, Panema, Roque e Branco (MORAIS, 1999, 2000). No sítio Campina, localizado no Município de Campina do Monte Alegre, foi encontrada uma urna com dentes humanos; no sítio Panema, além de muitos fragmentos de cerâmica na superfície, foi localizada uma urna Guarani contendo ossos humanos com marcas de corte, sulcos e queima (Mapa 1). Estes vestígios foram estudados por Piedade e Soares (2000), que obtiveram duas datações: através dos ossos humanos  $290 \pm 40$  AP (AMS) e através de um fragmento cerâmico da urna  $2.030 \pm 200$  anos AP (TL). Esta data representaria o mais antigo sítio cerâmico do Estado de São Paulo.

O sítio Roque, também Guarani, foi localizado no Município de Angatuba, e apresentou cerâmica com vários tipos de decoração como corrugada, ungulada e também lisa, com datação de 1.100 anos AP (TL). A dez quilômetros deste sítio, foi encontrado o sítio Branco, onde foram identificadas quatro manchas de solo antropogênico (“manchas pretas”), semelhantes às localizadas em sítios da região por Pallestrini.

Na bacia do rio Paranapanema, na microbacia do rio Taquari, Município de Nova Campina, Araújo (2001) realizou um trabalho de arqueologia regional e identificou sítios da tradição Itararé (Kaingang) e também da tradição Tupi-Guarani (Guarani)<sup>3</sup>. No Alto Paranapanema, o sítio Bianco, pesquisado por Araújo (2001), apresentou uma data de  $295 \pm 30$  anos BP (TL).

Na bacia do médio Paranapanema, no Município de Piraju, o sítio Piracanjuba<sup>4</sup> tem apresentado dados novos e uma grande quantidade de material arqueológico, como cerâmica (principalmente), mas também líticos polidos, como tembetás, machados, amoladores, calibradores, líticos lascados e vestígios faunísticos. No sítio, foram localizadas quatro manchas de solo antropogênico e este conjunto é interpretado como sendo remanescente de uma aldeia. Pelas datações obtidas por termoluminescência e Carbono 14, e pela análise do material cerâmico e faunístico, percebe-se que o sítio foi ocupado pelas populações agricultoras do século XIV ao XVII, pelo menos (AFONSO; MENDONÇA; MORAIS; PIEDADE, 2005). Foram realizadas várias datações no sítio, sendo seis em fragmentos cerâmicos por TL ( $360 \pm 40$ ,  $470 \pm 55$ ,  $480 \pm 50$ ,  $500 \pm 60$ ;  $530 \pm 60$  e  $580 \pm 70$ ) e uma por Carbono 14 no carvão da fogueira localizada pelas investigações geofísicas, com idade convencional  $610 \pm 50$  BP (Beta – 194558) e calibrada Cal AD 1290 a 1420 (Cal BP 660 a 530).

Rodrigues e Afonso (2002, p. 155) discutiram a ocupação Guarani:

O Estado de São Paulo tem sido identificado como uma área de fronteiras entre grupos ceramistas pré-coloniais e os arqueólogos tentam compreender melhor a ocupação guarani, especialmente no vale do rio Paranapanema, no sul do Estado. Comparações entre as informações etnográficas e os achados arqueológicos estão sendo feitas, como a identificação das casas-grandes guaranis às manchas de terra preta encontradas nos sítios arqueológicos e o conjunto destes núcleos de solo antropogênico às aldeias. A compreensão da ocupação guarani nos períodos pré-coloniais pelos arqueólogos tem sido alterada pelos dados etnográficos e estudos que tratam das relações dos Guarani com outros grupos, como os Jê, estão sendo desenvolvidos”.

Morais (1999) observou que, além de sítios da tradição Guarani, há também a presença da tradição Itararé na bacia do Paranapanema de duas maneiras: compondo sítios próprios da tradição ou pela presença de materiais Kaingang em sítios de tradição Guarani. Este último caso ocorre principalmente no trecho médio-inferior da bacia, comprovando contatos entre os Guarani e Kaingang. No caso das ocupações da tradição Guarani, mais presentes na bacia do Paranapanema, a inserção cronológica é bem marcada para o período entre 740 d.C. e 1.480 d.C. (MORAIS, 1999).

No Alto Paranapanema, em Itapeva, foram localizados alguns sítios de tradição Itararé (Kaingang). O sítio Areia Branca 6 foi identificado como cemitério pela presença de montículos de terra, relatados em fontes etnográficas como cemitérios Kaingang. O sítio, datado de  $1430 \pm 60$  anos BP foi objeto de estudo do solo e sedimentos por Amenomori (1999), principalmente para análise do fosfato. Esta autora constatou que em certas áreas do montículo houve concentração no teor de fosfato, possibilitando interpretar a existência de um sepultamento que não se preservou.

No Alto Paranapanema, foram localizadas casas subterrâneas identificadas inicialmente por Prous (1979) e estudadas por Araujo (2001) e Kamase (2003, 2004). Em uma delas, de 8 m de di-

âmetro e 1,50 m de profundidade, foram registrados fragmentos de cerâmica com datas de  $1200 \pm 120$  anos BP e  $1530 \pm 150$  anos BP, filiados à tradição Itararé-Taquara (KAMASE, 2003, 2004).

No sul do Estado, no vale médio do rio Ribeira de Iguape, ROBRAHN (1988) identificou sítios filiados à tradição Itararé (Kaingang), localizando sítios cerâmicos de três categorias: a céu aberto (forma entre arredondada e elíptica,  $550 \text{ m}^2$  de dimensão e 20 cm de espessura), grutas (6 a  $130 \text{ m}^2$ ) e cemitérios (montículos).

Nos vales médio e alto do rio Ribeira de Iguape, foram identificados vários sítios cerâmicos constituídos por estruturas de pequenas dimensões, implantadas em várias formas de relevo como fundo de vale, baixa, média e alta vertentes, cristas dos divisores de água (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999). Segundo a autora, a cerâmica destes sítios apresenta vasilhames predominantemente pequenos (46,8% com capacidade de até 1 litro), médios (38,7% de 1,1 e 4 litros) e grandes (14,5% acima de 4,1 litros), alcançando um máximo de 58 litros.

Robrahn-González (1999) considera que a ocupação do vale do Ribeira de Iguape tenha sido iniciada pelo sudoeste, contíguo ao Planalto de Curitiba, com o início da penetração ocorrendo por volta do século X.

#### **4 Norte e Nordeste do Estado de São Paulo: as bacias do rio Grande e do rio Paraíba do Sul**

O sítio Maranata (Olimpia, SP) foi filiado à tradição Aratu-Sapucaí com base na reconstituição das formas dos vasilhames (MARANCA; SILVA; SCABELLO, 1994) e o primeiro desta tradição a ser identificado na bacia do Rio Grande.

O sítio Água Limpa (Monte Alto, SP) é um sítio a céu aberto, com estruturas de combustão, sepultamentos primários de indivíduos adultos, sepultamentos secundários e restos alimentares

(ALVES; CHEUICHE-MACHADO, 1995). A presença na cerâmica de urnas globulares, formas duplas e vasilhas esféricas com borda extrovertida levaram à sua filiação à tradição Aratu-Sapucaí, embora haja também atributos decorativos (pintura em faixas vermelhas) e morfológicos (bases planas e formas de perfil complexo) como possíveis indicadores de influências externas (FERNANDES, 2001). Para o sítio Água Limpa há datas de  $1524 \pm 215$  anos AP a  $375 \pm 40$  anos AP sinalizando uma ocupação por um período longo do século V ao século XVII, embora os materiais mais vinculados à tradição Aratu-Sapucaí tenham apresentado as seguintes datas:  $720 \pm 70$  anos AP para uma borda ondulada e  $456 \pm 50$  anos AP.

O sítio Água Vermelha 2 (Ouroeste), localizado no limite dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, é uma aldeia extensa, apresentando vestígios cerâmicos morfológicamente associados à tradição Aratu-Sapucaí, com formas duplas, sem decoração e antiplástico composto por mineral, caco-moído e cariapé (ROBRAHN-GONZALEZ; AFONSO; DE BLASIS; FIGUTI; NEVES; EGGERS, 1998). Foram encontradas formas de contorno simples (vasilhas de meia elipse, cônicas e semi-esféricas) e infletido (forma esférica e forma oval), sendo que as vasilhas rasas (tigelas) serviriam ao preparo e ao consumo de alimentos, e as de contorno infletido à cocção. Segundo os autores, a ocupação do sítio Água Vermelha 2 estaria relacionada ao processo de diversificação cultural ocorrido na região centro-oeste, entre os séculos IX e X. Algumas características da cerâmica, como o uso do caco moído como antiplástico e as formas infletidas, seriam associadas à influência Tupi, e o uso de cariapé, aos grupos Uru, indicando cerâmicas de origens variadas, como as encontradas no Brasil Central. A cronologia do sítio ( $1010 \pm 50$  anos BP e  $700 \pm 70$  anos BP) indicaria uma rapidez no processo de diversificação cultural.

Nas proximidades do sítio Água Vermelha 2, o Água Vermelha 1 apresenta características da tradição Uru, sendo que a presença de cariapé e lâminas de machado meia-lua remetem a

um contexto do oeste do Araguaia, relacionado aos grupos portadores da cerâmica Uru (ROBRAHN-GONZALEZ; AFONSO; DE BLASIS; FIGUTI; NEVES; EGGERS, 1998).

O sítio Baixadão (Paulo de Faria, SP) foi objeto de cadastramento e apesar do pouco material coletado, foram identificadas duas bordas, uma com decoração plástica externa na forma de uma linha incisa paralela à borda e a outra fazia parte de uma tigela geminada, características da tradição Aratu (PENIN; DE BLASIS, 2005/2006).

Kashimoto e Martins (2004, 2005) observaram que a ocupação do Alto Rio Paraná, limite oeste do Estado de São Paulo, apresenta diferenças nas cerâmicas. Na área de Floresta Estacional Semidecidual, abrangida pela sub-bacia do rio Ivinhema, há vestígios de povos tupiguaranis ceramistas; enquanto mais ao norte, em área de savana (cerrado), nos altos terraços são encontrados indicadores de povoamento por portadores de cerâmica lisa, ainda não classificada. A região limite entre os dois tipos de cobertura vegetal – floresta e cerrado – pode ser interpretada como uma zona de fronteira com sítios de cerâmica tupiguarani e de um outro tipo de cerâmica.

Na bacia do rio Mogi-Guaçu, um projeto iniciado em 1979 focalizou o sítio arqueológico cerâmico Franco de Godoy, no Município de Mogi-Guaçu (PALLESTRINI, 1981/1982). Mais tarde, Caldarelli (1983) pesquisou quatro aldeias ceramistas na bacia do rio Mogi-Guaçu, no Município de Luís Antônio, nas proximidades de sua confluência com o rio Pardo. Morais (1995) realizou pesquisas nos municípios de Mogi-Guaçu, Mogi-Mirim e Itapira.

Como resultado dos projetos desenvolvidos em diferentes momentos, mas na mesma bacia hidrográfica, coordenados por Pallestrini, Caldarelli e Morais, foram localizados dez sítios arqueológicos: Franco de Godoy, Franco de Campos, da Barragem, Ponta Preta, Jardim Igaçaba (sítios cerâmicos pré-coloniais), Porto de Areia (cerâmica pós-contato), do Monjolo, Ribeira, Bom Re-

tiro (com datação de 924 anos AP) e Córrego do Canavial (sítios cerâmicos pré-coloniais).

O sítio Franco de Godoy foi objeto de intervenções arqueológicas em dois momentos (PALLESTRINI, 1981, 1982; MORAIS, 1995) e datado: 1.550 anos AP. Embora todos os dez sítios sejam classificados como aldeias ceramistas de tradição tupiguarani pelas características da cerâmica e dos sítios, há diferenças entre eles. Os cinco sítios estudados durante o salvamento arqueológico da PCH Mogi-Guaçu, por Moraes, além do Franco de Godoy, localizam-se nas margens do rio Mogi-Guaçu, alguns próximos a cachoeiras. Os sítios Franco de Godoy, Franco de Campos, Barragem e Porto de Areia localizam-se a leste da sede do Município de Mogi-Guaçu (o sítio Franco de Godoy a aproximadamente 7,5 km). Os quatro sítios localizados no Município de Luís Antônio distam de 1 a 2 km do rio Mogi-Guaçu e situam-se próximos aos afluentes do curso d'água principal da região. É possível notar que houve uma ocupação de grupos ceramistas pré-históricos na região do alto e médio Mogi-Guaçu pelo menos entre 1.550 anos BP (ou 400 anos depois de Cristo) e 924 anos BP (ou 1.026 anos D.C.), portanto antes da chegada dos portugueses. Há, também, nos sítios localizados durante as pesquisas da PCH de Mogi-Guaçu, cerâmicas que apresentam alguns atributos típicos de materiais que indicam contato com os europeus.

Na região do rio Pardo, além dos sítios cerâmicos localizados na bacia do rio Mogi-Guaçu, seu afluente pela margem direita, foram encontrados quatro sítios cerâmicos, sendo três classificados como de tradição neobrasileira pela datação de um deles e características da cerâmica (sítios Lagoa Preta I, com 280 anos AP, Lagoa Preta II e Bebedouro da Pedra) e um quarto, Tamanduazinho, no Município de São Simão, datado de  $990 \pm 70$  anos AP e com características não semelhantes à cerâmica da tradição tupiguarani (CALDARELLI, 1983; AFONSO, 1987). Moraes (2005) efetuou uma nova análise dos vestígios dos sítios Lagoa

Preta I, II e Bebedouro da Pedra e percebeu que não se trata da tradição neobrasileira, pois não apresentam características que denotem influência europeia na indústria cerâmica, e que devem estar relacionados à ocupação Jê da área.

Caldarelli e Neves (1981, p. 35) já haviam apontado que “quanto aos horticultores, nitidamente representados na área por duas ocupações distintas, uma Gê e uma Tupi-Guarani, a problemática que se nos apresenta atualmente é de ordem cronológica”. Os autores referem-se aos documentos históricos que mencionam apenas índios do grupo linguístico Jê, como os Caiapó, sendo que os Tupi-Guarani já não se encontrariam na área quando da ocupação europeia. Para os autores, haveria uma ocupação da área com os Tupi-Guarani no vale do rio Mogi-Guaçu e os Jê no vale do rio Pardo.

No Município de Casa Branca, dois sítios cerâmicos foram pesquisados: Água Branca e Lambari II (SCIENTIA, 2000; CALDARELLI, 2001/2002; AFONSO; MORAES, 2003, 2005, 2006, 2007; MORAES, 2007).

O sítio Lambari II mostrou uma indústria cerâmica filiada à tradição tupiguarani com idade  $1.085 \pm 130$  anos (TL). No entanto, o sítio Água Branca, a 1 km de distância, é o que apresenta maior interesse, porque sua cerâmica possui características das chamadas tradições Aratu-Sapucaí (cariapé, formas duplas, apêndices, brunidura), Tupiguarani (caco moído, ombros indicando vasos de formas complexas) e Uru (cariapé, bases planas com ângulos de  $90^\circ$ ). A planta do sítio, com a indicação das áreas de maior concentração de cerâmica, revelou uma estrutura elíptica de 200 metros por 140 metros, tendo sido coletadas quase 1.500 peças com estação total (AFONSO; MORAES, 2003, 2005, 2006).

O fato de o material cerâmico desse sítio apresentar características de tradições cerâmicas distintas demonstra um contexto de interação cultural. As características da cerâmica, a datação recente ( $205 \pm 20$  anos BP por termoluminescência para um fragmento cerâmico), a morfologia aproximadamente circular

da aldeia e os dados levantados pela pesquisa etno-histórica (MORAES, 2005) indicam que o grupo que ocupou o sítio Água Branca está associado à ocupação Jê da região.

Na re-análise do material do sítio Lagoa Preta II, foi observado que apresentam inúmeras semelhanças com a cerâmica do sítio Água Branca: presença de cariapé, bases planas, ausência de decoração e bom tratamento de superfície (AFONSO; MORAES, 2003). Essas semelhanças, aliadas às datas relativamente próximas, indicam que ambos os sítios podem ter feito parte de um mesmo sistema regional de povoamento (no sentido proposto por MORAIS, 1999, 2000).

No Município de Pirassununga, Zanettini e Moraes (2006) pesquisaram dois sítios arqueológicos. O resgate do sítio Cachoeira de Emas 1 revelou uma indústria cerâmica semelhante àquela proveniente dos sítios Água Branca e Lagoa Preta I e II, além de apresentar uma quantidade significativa de artefatos líticos lascados em silexito, não estando associado à tradição Tupiguarani. O sítio Cachoeira de Emas 2 apresentou material cerâmico relacionado à tradição Tupi-Guarani (MORAES, 2007). Godoy (1974), ao realizar pesquisas na área da Cachoeira de Emas, registrou a presença de lâminas de machado com formato semi-lunar (GODOY, 1974), comumente associado a grupos Macro-Gê, além de indicar a presença de virotes, como aquele encontrado no sítio Água Branca.

Sítios filiados à tradição Aratu também foram encontrados na bacia do rio Paraíba do Sul, no nordeste do Estado de São Paulo. O sítio Caçapava I foi o primeiro desta tradição a ser identificado na bacia do rio Paraíba do Sul e, segundo CALDARELLI (1999, p. 356),

[...] o único sítio indígena localizado, no município de Caçapava, pertence à tradição cerâmica Aratu, variedade Sapucaí, apresentando mais de trinta sepultamentos em urnas funerárias não decoradas. Objeto de resgate em 1991, foi o primeiro sítio desta tradição escavado exaustivamente no estado de São Paulo.

Gomes (2003a e b) analisou a cerâmica do sítio Caçapava I, confirmando a associação da indústria à tradição Aratu e indicou a presença de outro sítio na mesma bacia do rio Paraíba – sítio Light – no município de Jacareí, pesquisado por Wagner Bornal.

A região nordeste do Estado de São Paulo apresenta uma problemática arqueológica que merece melhor investigação, com sítios cerâmicos filiados às tradições Tupiguarani e Aratu/Sapucaí. Além do sítio Água Branca, outros apresentam características da ocupação de grupos Jê no norte e nordeste do Estado de São Paulo, como os sítios Maranata (Olimpia), Água Limpa (Monte Alto), Lagoa Preta I, Lagoa Preta II, Bebedouro da Pedra (Serra Azul), Tamanduazinho (São Simão), Água Vermelha 2 (Ouroeste) e Baixadão (Paulo de Faria) na bacia do rio Grande; o sítio Cachoeira de Emas 1 na Bacia do rio Mogi Guaçu e os sítios Caçapava I e Light na bacia do rio Paraíba do Sul.

## **5 Região central do Estado de São Paulo: bacia do rio Tietê**

A expansão Tupi a partir da Amazônia (BROCHADO, 1989) resultou em dois ramos principais: os grupos Tupinambá, que ocorrem no litoral do nordeste e sudeste, e os grupos Guarani, situados na bacia do rio Paraná e litoral sul.

Quanto à identificação da fronteira entre Tupi e Guarani no Estado de São Paulo, tem sido delimitada na bacia do rio Tietê por alguns autores, sendo o limite norte da tradição Guarani. MÉTRAUX (1949a e b) indicava esta fronteira, assim como Clastres e Brochado (“fronteira hostil”), na região do Paranapanema (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2000). No litoral, Scatamacchia (1984) propôs seu limite na região de Iguape, bem ao sul do Estado de São Paulo; Chymz (2002) sugeriu que a fronteira sul dos territórios de grupos Tupi devia se estender até a baía do Paranaguá

(litoral do Estado do Paraná) e que possivelmente a região do Alto Iguaçu e afluentes teria sido ocupada tanto pelos Tupi quanto pelos Guarani.

Os campos de cerrado entre os vales dos rios Tietê e Paranapanema eram tradicionais redutos para as populações Kaingang, grupo étnico pertencente ao tronco linguístico Jê. Rodrigues (2007) desenvolveu uma pesquisa etnoarqueológica, na região de Tupã, que representa uma pequena parcela do que foi o território ocupado pelas populações Kaingang no passado.

Alguns sítios Kaingang foram identificados em locais como no Alto Paranapanema (ARAÚJO, 2001) e até na cidade de São Paulo no sítio Jaraguá I no Pico do Jaraguá (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2003, 2005), alto topográfico onde se localiza uma aldeia Guarani no momento. ROBRAHN-GONZÁLEZ (2005, p.212) assinalou a localização do sítio Jaraguá 1, datado em 660 anos BP (1.290 d.C.):

Corresponde à data atualmente mais antiga para a Arqueologia de São Paulo. Todavia, o fato de sua indústria cerâmica remeter a um horizonte mal definido para o Brasil Meridional, mas que se configura em associação a grupos pertencentes ao tronco linguístico Macro-Gê, aponta interessantes horizontes de discussão, uma vez que apenas 200 anos depois desta data os colonizadores portugueses indicavam uma presença maciça de grupos Tupi-Guarani nos campos de Piratininga.

Tem chamado a atenção o achado de cultura material Kaingang em sítios com cerâmica tipicamente tupiguarani. É o caso de machados semi-lunares, característicos dos grupos Jê, em sítios guarani na região da Capivara, Médio/Baixo Paranapanema, como o sítio Campinho (FACCIO, 1998) ou o sítio Araruva, em Assis, localizado durante o levantamento da UHE Canoas (MORAIS, 1999). Em outros sítios, cerâmicas Kaingang e Guarani se misturam, revelando uma relação muito mais complexa entre

povos Jê e Tupi que os arqueólogos imaginavam a princípio.

Até em áreas tipicamente identificadas como de ocupação de grupos ligados à tradição Tupiguarani, como é o caso das bacias dos rios Paraíba do Sul, Tietê e Paranapanema, há evidências da tradição Itararé.

Na bacia do rio Tietê, foi desenvolvido o *Projeto do Baixo e Médio Vale do Rio Tietê*, coordenado por Sílvia Maranca, cujo início ocorreu no diagnóstico da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, no rio Paraná, oeste do Estado de São Paulo. Foram prospectados oito aldeamentos pré-históricos lito-cerâmicos (MARANCA; SILVA; SCABELLO, 1994). Quatro destes aldeamentos foram datados por termoluminescência, revelando idades de 2.200 a 1.040 AP e filiados à tradição Tupiguarani. Mais 26 aldeamentos pré-históricos foram localizados, sendo 25 lito-cerâmicos e um lítico.

No baixo vale do rio Tietê, as autoras notaram características distintas entre a área delimitada pelos rios Paraná, Tietê e São João dos Dourados e a área dos encontrados mais a leste, nos municípios de Araçatuba, Promissão e Birigui, que apresentam maior variedade de técnicas de decoração cerâmica (MARANCA; SILVA; SCABELLO, 1994).

Também no vale médio do rio Tietê, no Município de Brotas, no médio vale do rio Tietê, foi pesquisado o sítio Gramado, de tradição tupiguarani, que representa um dos poucos sítios não vinculados a caçadores-coletores desta área (GOULART; AFONSO, 1998; AFONSO, 2005a). Este sítio, datado de  $190 \pm 20$  anos BP por TL, precisa ser melhor investigado porque o vale do Tietê tem sido considerado, por alguns autores, como o limite das subdivisões da tradição Tupiguarani, com Tupi ao norte e Guarani ao sul.

No médio Tietê, na região de Rio Claro, Altenfelder Silva (1967) identificou sítios da tradição Tupiguarani e Miller Jr. (1972) localizou dois da tradição Casa da Pedra (Paraíso N. II, com

fragmentos de cerâmica da tradição Casa de Pedra e Camaquã).

## 6 As fronteiras: resumindo uma discussão em andamento

Na arqueologia paulista, tratando dos grupos ceramistas, o limite Tupinambá-Guarani continua como um tema de discussão, além das influências do norte (Tupi), noroeste (Aratu-Uru) e sul (Guarani e Itararé-Taquara) no território.

Os sítios Maranata (Olimpia), Água Limpa (Monte Alto), Água Vermelha 2 (Ouroeste), Água Branca (Casa Branca), Lagoa Preta I, Lagoa Preta II, Bebedouro da Pedra (Serra Azul), Tamanduazinho (São Simão), Baixadão (Paulo de Lima) na bacia do rio Grande, o sítio Cachoeira de Emas 1 na Bacia do Mogi-Guaçu, além dos sítios Caçapava I e Light na bacia do rio Paraíba do Sul apresentam características de ocupação de grupos Jê no norte/nordeste do Estado de São Paulo.

Em alguns deles a indústria cerâmica apresenta características de mais de uma tradição, como o sítio Água Branca com características de três tradições distintas. Uma vez que o conceito de Tradição arqueológica dá ênfase à classificação dos objetos arqueológicos, optou-se pela expressão Sistema Regional de Povoamento, proposto por Morais (1999, 2000), definido pela coordenação entre sítios ou conjunto de sítios de certa região, demonstrando relações concomitantes por contemporaneidade, similaridade ou complementaridade. O autor tomou como base operacional as denominadas Tradições Arqueológicas, mas com associação a outros aspectos dos sítios arqueológicos.

Morais (1999, 2000) identificou os sistemas regionais de povoamento presentes na região Sudeste e sugeriu que as tradições Aratu, Sapucaí e Uru poderiam formar um extenso sistema regional de povoamento de agricultores pré-coloniais, mesmo guardando suas peculiaridades específicas.

Em uma reflexão regional ampla, o sítio Água Branca pode

ser inserido nesse sistema regional, chamado pelo autor de *Aratu-Sapucaí*, mas desloca para o sul os limites sugeridos para essa ocupação. Os sítios Lagoa Preta I, Lagoa Preta II e Cachoeira de Emas 1 enquadram-se nesse mesmo sistema, embora seja necessário atentar que a similaridade na cultura material, nesse caso a indústria cerâmica, não está vinculada necessariamente a uma homogeneidade étnica.

As questões levantadas por vários sítios, como as referentes ao Água Branca, referem-se à relação entre a diversidade do material arqueológico e a ocorrência de influências externas ligadas a contextos arqueológicos distintos.

A ideia de São Paulo como uma “terra de fronteiras” para os grupos ceramistas (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2000) que, a partir dos últimos séculos antes de Cristo, começam a ocupá-lo, fica mais clara com as pesquisas recentes. Esses grupos advindos de outras regiões trouxeram características próprias e, portanto, os sítios de São Paulo apresentam particularidades relacionadas a um contexto de interação cultural.

Segundo Moraes (2005), na metade norte do território paulista, os interflúvios das bacias dos rios Tietê e Grande marcam o eixo de uma larga faixa de sobreposição entre os sistemas Tupinambá e Guarani e um possível sistema Sapucaí, correlacionável à tradição arqueológica homônima.

Afonso (2005), baseando-se nos mapas propostos por Moraes (1999, 2000), reelaborados em 2005, propôs uma região de influência de grupos Jê no norte de São Paulo abrangendo a bacia do rio Grande, incluindo a sub-bacia do rio Pardo, identificando uma área de contatos com ceramistas do Planalto Central.

Os sítios ceramistas do norte de São Paulo refletem contextos extrarregionais com influências, do norte (Tupinambá), do sul e do oeste (Guarani), e do noroeste (Aratu-Sapucaí-Uru), bastante complexas e que necessitam ser melhor estudados.

Moraes (2007) estudou a variabilidade artefactual em sítios

arqueológicos associados à tradição Tupiguarani no nordeste do Estado de São Paulo e notou que, em duas regiões, sítios Tupi como o Lambari II (Casa Branca, SP) e Cachoeira de Emas 2 (Pirassununga, SP) estão associados a contextos onde, a menos de 1km, há ocupações ceramistas não-Tupi com características similares e datações tardias. Enquanto no primeiro caso não aparecem elementos de interação, no segundo algumas peças remetem à troca de objetos. Para a autora, a descoberta de sítios associados às tradições Aratu e Uru no nordeste do Estado de São Paulo e as informações etnográficas que sugerem a dominação desse território por índios Kaiapó nos séculos XVII-XVIII mostram que é necessário uma melhor avaliação da interação entre esses grupos e os grupos Tupi.

A espacialização das diferentes manifestações arqueológicas (MORAIS, 1999/2000; AFONSO, 2005) deixa mais evidentes os problemas, as áreas sem informação ou com dados contraditórios, além das lacunas cronológicas. A confecção dos mapas é um exercício importante para se compreender melhor o território de ocupação e deixar claro os melhores locais a serem investigados para a discussão de fronteiras culturais.

Para São Paulo, falta a montagem de um banco de dados digital com as informações dos sítios e um Sistema de Informações Geográficas (SIG) para dar significado espacial às manifestações arqueológicas. Este trabalho foi feito para a bacia do Paranapanema (MORAIS, 1999; OLIVEIRA, 2001) e poderia ser implementado para as outras regiões paulistas.

Por fim, nos últimos anos, devido à intensificação dos projetos arqueológicos no Estado de São Paulo, principalmente de arqueologia de contrato, novas áreas estão sendo pesquisadas produzindo conhecimento arqueológico. O entendimento das ocupações no Estado é fundamental para a compreensão das rotas de dispersão dos grupos Jê meridionais, dos Jê do Planalto Central, dos Tupi do norte e dos Guarani do sul; portanto a pes-

quisa arqueológica do território paulista pode contribuir para a melhor compreensão do contexto espacial e temporal dos grupos ceramistas do sul, sudeste e centro-oeste do Brasil.

**Agradecimentos:** Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, pelo apoio institucional. Ao CNPq pela bolsa de produtividade em pesquisa e bolsas de iniciação científica, à FAPESP, pelo auxílio à pesquisa e bolsas. À Renovias Concessionária S.A., pelo auxílio financeiro. A Astolfo Gomes de Mello Araújo, Camila Azevedo de Moraes, Dária Elânia Fernandes Barreto, José Luiz de Moraes, José Paulo Jacob, Luciane Miwa Kamase, Pedro Ignácio Schmitz, Robson Antonio Rodrigues, Saul Eduardo Seiguer Milder, Sandra Nami Amenomori e Silvia Cristina Piedade, pelas discussões sobre a arqueologia de São Paulo.

## NOTAS

- <sup>1</sup> O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) foi liderado pelos arqueólogos americanos Clifford Evans e Betty Meggers, na década de 1960, com a participação de vários arqueólogos brasileiros, como Silvia Maranca e Fernando Altenfelder Silva em São Paulo.
- <sup>2</sup> Projeto com coordenação de José Luiz de Moraes e sub-coordenação de Marisa Coutinho Afonso, desenvolvido pelo MAE/USP de 1998 a 1999, com auxílio da FAPESP.
- <sup>3</sup> Há diferentes nomenclaturas: Tradição Tupiguarani (PRONAPA, 1976), Tradição Policrômica Amazônica, subtradição Guarani (BROCHADO, 1984), Cultura Arqueológica Guarani (SOARES, 1997) e Sistema Regional de Povoamento Guarani (MORAIS, 1999).
- <sup>4</sup> O sítio está sendo escavado sob coordenação geral de José Luiz de Moraes. Neide Barrocá Faccio está analisando o material cerâmico; Silvia Cristina Piedade e Manoel Gonzalez o material faunístico.

## Referências

AFONSO, M. C. Ocupações ceramistas no norte do Estado de São Paulo: o sítio Água Branca. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 14., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ocupação pré-histórica na região de Serra Azul e São Simão, São Paulo:** um estudo geoarqueológico. 1987. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem da ocupação do território paulista. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 9., 1997, Rio de Janeiro. **Resumos...** Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1997. R022.

\_\_\_\_\_. **Um olhar para a arqueologia pré-histórica do Estado de São Paulo.** 2005. Tese (Livre Docência)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005a.

\_\_\_\_\_; MENDONÇA, C. A.; MORAIS, J. L.; PIEDADE, S. C. Investigações geofísicas no sítio Piracanjuba (Piraju, SP). In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 13., 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005b.

\_\_\_\_\_.; MORAES, C. A. O sítio Água Branca: interações culturais dos grupos ceramistas no norte do Estado de São Paulo. In: **Revista do Museu de Arqueologia**, São Paulo, n.15/16, p.59-71, 2005, 2006.

\_\_\_\_\_. Uma rodovia e três sítios arqueológicos: um estudo da ocupação da bacia do rio Pardo (Nordeste de São Paulo). In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 12., 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.

ALVES, M. A.; CHEUICHE-MACHADO, L. Estruturas arqueológicas e padrões de sepultamento do sítio de Água Limpa, Município de Monte Alto, São Paulo. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 8., 1995, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 1995.

AMENOMORI, S. N. **Potencial analítico de sedimentos e solos aplicado à arqueologia.** 1999. Dissertação (Mestrado em Arqueologia.)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ARAÚJO, A. G. M. A tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. **Revista de Arqueologia**, Belém, n. 20, p. 09-38, 2007.

\_\_\_\_\_. **Teoria e método em Arqueologia Regional**: um estudo de caso no Alto ParanAPANema, Estado de São Paulo. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia.)—Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BROCHADO, J. P. **An ecological model of spread of pottery and agriculture into eastern South America**. 1984. Tese (P.H.D.)- University of Illinois at Urbana-Champaign, Illinois, 1984.

\_\_\_\_\_. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, São Paulo, n. 27, p. 65-82, 1989.

\_\_\_\_\_. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. In: SIMPÓSIO DE PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE BRASILEIRO 1, 1990, Recife. **Anais ...** Recife: Universidade Federal do Pernambuco: Clio, 1990.

CALDARELLI, S. B. A arqueologia do interior paulista evidenciada por suas rodovias. **Revista de Arqueologia**, Belém, n.14/15, p.29-56, 2001/2002.

\_\_\_\_\_. Aldeias tupiguarani no vale do rio Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo. **Revista de Pré-História**, São Paulo, n.5, p.37-124, 1983.

\_\_\_\_\_. Levantamento arqueológico em planejamento ambiental. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 3, p. 347-369, 1999. (Série Suplemento).

\_\_\_\_\_; NEVES, W. A. Programa de Pesquisas Arqueológicas no Vale do Rio Pardo. **Revista de Pré-História**, São Paulo, n.3, p.13-49, 1981.

CHMYZ, I. A. Tradição Tupiguarani no litoral do Estado do Paraná. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**, Curitiba, n. 16, p. 71-95, 2002.

DEBLASIS, P. A. D.; AFONSO, M. C. Confluência cultural no Estado de São Paulo ao longo do Arcaico. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 9., 1997, Rio de Janeiro. **Resumos...** Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1997. R026.

FACCIO, N. B. **Arqueologia do cenário das ocupações horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema-SP**. 1998. Tese (Doutorado em Arqueologia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Os índios Guarani na área do ProjPar. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 13., 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005.

FERNANDES, S. C. G. **Estudo tecnotipológico da cultura material das populações pré-históricas do Vale do Rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a tradição aratu-sapucaí**. 2001. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FIGUTI, L. Sambaquis de São Paulo. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 9., 1997, Rio de Janeiro. **Resumos...** Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1997.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Arqueologia da paisagem: cenas do Paranapanema paulista (da Pré-História ao Ciclo do Café)**. São Paulo, 2000.

GODOY, M. P. **Contribuição à história natural e geral de Pirassununga**. Pirassununga, 1974. v. 1.

GOMES, D. M. C. A cerâmica indígena do sítio CaçAPava I. In: S. B. Caldarelli (Coord.). **Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista**. SP-070 Rodovia Carvalho Pinto. Dersa Desenvolvimento Rodoviário S.A. Santos: Instituto de Pesquisa em Arqueologia: Universidade Católica de Santos, 2003a.

\_\_\_\_\_. A distribuição da tradição Aratu no território brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista**. SP-070 Rodovia Carvalho Pinto. Dersa Desenvolvimento Rodoviário S.A. Santos: Instituto de Pesquisa em Arqueologia: Universidade Católica de Santos, 2003b.

GOULART, M. M.; AFONSO, M. C. Pesquisas arqueológicas em Brotas (SP): o estudo do sítio Gramado. In: SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA USP 6., 1998, São Paulo. **Resumos...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

INSTITUTO DE PRÉ-HISTÓRIA (Brasil). **Pré-história do nordeste do Estado de São Paulo: um estudo de ecologia humana**. São Paulo, 1985.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (SP): **O Resgate dos sítios Cachoeira de Emas 1 e 2 no âmbito da construção**

**da ponte sobre o rio Mogi Guaçu.** São Paulo, 2006.

KAMASE, L. M. A pesquisa arqueológica no Alto ParanAPANema (SP): casas subterrâneas e feições doliniformes. COLÓQUIO SOBRE SÍTIOS CONSTRUÍDOS E CASAS SUBTERRÂNEAS 1., 2003, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2003.

\_\_\_\_\_. **Casas subterrneas e feições doliniformes:** um estudo de caso na Bacia do Alto Taquari (SP). 2004. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

KASHIMOTO, E. M.; MARTINS, G. R. Archaeology of the Holocene in the upper Paraná River, Mato Grosso do Sul State, Brazil. **Quaternary International**, London, vol. 114, no. 1, p. 67-86, 2004.

\_\_\_\_\_. Interpretação da cronologia arqueológica do rio Paraná, MS, Brasil. X Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário (ABEQUA) 10., 2005, Guarapari. **Anais...** GuarAPari: 2005. 1 CD-ROM.

KERN, A. A. **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul.** .Porto Alegre: Editora Mercado Aberto Ltda., 1991.

MARANCA, S.; SILVA, A. L. M.; SCABELLO, A. M. P. Projeto Oeste Paulista de Arqueologia do Baixo e Médio Vale do Rio Tietê: síntese dos trabalhos realizados. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 4, p. 223-226, 1994.

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil.** Recife: Editora Universitária, 1996.

MÉTRAUX, A. The Guarani. In: Steward, Julian H. (Ed). **Handbook of South American Indians.** Washington DC: Smithsonian Institution Press, 1949a. v.3.

\_\_\_\_\_. The Tupinambá. In: Steward, Julian H. (Ed). **Handbook of South American Indians.** Washington DC: Smithsonian Institution Press, 1949b. v. 3.

MILLER JR., T. O. Arqueologia da Região Central do Estado de São Paulo. **Dédalo**, São Paulo, n. 16, p. 13-118, 1972.

MORAES, C. A. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo:** um estudo de variabilidade artefactual. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia.)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MORAES, C. A. Reexaminando a “Tradição Tupiguarani” no Nordeste do Estado de São Paulo. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 13., 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005.

MORAIS, J. L. Arqueologia da região Sudeste. **Revista da USP**, São Paulo, n.44, p.194-217, 1999/ 2000.

\_\_\_\_\_. Da Pré-História ao contato: sistemas regionais de povoamento indígena no território paulista. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 13., 2005, Campo Grande. **Resumos...** Campo Grande: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas geoambientais da arqueologia do ParanAPANEMA Paulista**. 1999. Tese (Livre Docência)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Salvamento arqueológico na área de influência da PCH Moji-Guaçu. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 5, p. 77-98, 1995.

\_\_\_\_\_; AFONSO, M. C. Fronteiras ambientais no território paulista. IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira 9., 1997, Rio de Janeiro. **Resumos...** Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1997. R024.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA (Universidade de São Paulo). **Relatório Científico: Resgate do traçado do gasoduto Bolívia-Brasil (GAS-BOL) no Estado de São Paulo. Trechos IX e X (de Paulínia à fronteira com o Paraná), 1997-2000.** São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Relatório científico do projeto de iniciação científica 3: Os sítios Água Branca e Lambari II no contexto da ocupação pré-histórica do médio vale do rio Pardo/ SP.** São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Relatório técnico científico final do projeto resgate arqueológico na área de influência da duplicação das rodovias SP342 e SP346: preservação do patrimônio dos sítios Ipê e Mota Pais.** São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, J. F. **Utilização de SIG no mapeamento de sítios arqueológicos na bacia do Paranapanema, Estado de São Paulo.** 2001. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

PALLESTRINI, L. Cerâmica há 1.500 anos, Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, n. 28, p. 115-129, 1981 / 1982.

PALLESTRINI, L. **Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo**. São Paulo: Museu Paulista, 1975. (Coleção Museu Paulista, Série Arqueologia, 1).

\_\_\_\_\_. **Sítio arqueológico Fonseca**. São Paulo: Museu Paulista, 1969.

PENIN, A.; DE BLASIS. Sítio Baixadão: um novo sítio Aratu no norte paulista. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 15/16, p. 449-453, 2005 / 2006.

PIEIDADE, Silvia Cristina ; SOARES, A. L. R. Considerações sobre um enterramento Guarani: alterações e hipóteses etno-históricas. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 10, p. 31-68, 2000.

PROUS, A. Première information sur les maisons souterraines de l'État de São Paulo, Brésil. **Revista de Pré-História**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 127-145, 1979.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso**. 1988. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. A ocupação ribeirinha pré-colonial do médio ParanAPANema. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 5, p. 99-116, 1995.

\_\_\_\_\_. Diversidade cultural entre os grupos ceramistas do sul-sudeste brasileiro: o caso do Vale do Ribeira de Iguape. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. O estudo da interação cultural em Arqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, p. 31-34, 1999. Suplemento 3.

\_\_\_\_\_. Os grupos ceramistas pré-coloniais do centro-oeste brasileiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 6, p. 83-121, 1996.

\_\_\_\_\_. Repensando as fronteiras culturais de grupos ceramistas no Estado de São Paulo. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 12., 2003, São Paulo. **Resumos ...** São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociedade e arqueologia**. 2005. Tese (Livre Docência)- Museu de

Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.  
ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. São Paulo, terra de fronteiras: a ocupação de grupos ceramistas pré-coloniais. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 9., 2000, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia e Etnologia., 2000. 1 CD-ROM.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M.; AFONSO, Marisa Coutinho; DE BLASIS, Paulo Antonio Dantas; FIGUTI, Levy; NEVES, Eduardo Góes; EGGERS, Sabine. **Água Vermelha**: pesquisa arqueológica de salvamento. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia: Universidade de São Paulo: Contrato UPS/CESP, 1998.

RODRIGUES, R. A. A ocupação Kaingang no oeste Paulista. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 13., 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os caçadores-ceramistas do sertão paulista**: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no vale do rio Feio / Aguapeí. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_; AFONSO, M. C. Um olhar etnoarqueológico para a ocupação Guarani no Estado de São Paulo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, p. 155-174, 2002.

ROGGE, J. H. Fenômenos de fronteira: o contato cultural entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. **Canindé**, Aracaju, n. 4, p. 147-168, dez. 2004.

\_\_\_\_\_. **Fenômenos de fronteira**: um estudo das situações de contato entre os portadores de tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. 2003. Tese (Doutorado em História)- Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2003.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Ocupação Tupi-Guarani no Estado de São Paulo: Fontes Etno-Históricas e Arqueológicas. **Dédalo**, São Paulo, n. 23, p.197-222, 1984.

\_\_\_\_\_. **Tentativa de caracterização da tradição Tupiguarani**. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social.)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA . **Relatório**: Levantamento Arqueológico na Faixa de Domínio da Duplicação da Rodovia SP-340 – km 236,8 a 281,7. São Paulo, 2000.

SCHIAVETTO, S. N. **Levantamento arqueológico no Médio Mogi-Guaçu e Médio Jacaré-Guaçu, SP: um primeiro olhar sobre os sítios ceramistas.** In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 13., 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Sociedade de Arqueologia e Etnologia, 2005.

SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M.; THIES, U. M. E. Arqueologia do centro-sul de Goiás: uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. **Pesquisas**, São Leopoldo, n. 33, p. 280-306, 1982. (Série Antropologia).

SOARES, A. L. **Guarani: organização social e arqueologia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. (Coleção Arqueologia, 4).

ZANETTINI, P. E.; MORAES, C. A. Contribuição para a discussão entorno da cerâmica "Neobrasileira": algumas reflexões sobre a louça produzida na Capitânia de São Paulo entre os séculos XVII e XIX. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 13., 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005.

Recebido em: 11 de março de 2008.

Aprovado em: 22 de abril de 2008.

